

A CLASSIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO-SEDE DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS DE COIMBRA (CAPC)¹

Isabel Ponce de Leão Policarpo²
Setembro 2026

RESUMO

No âmbito da comemoração dos dez anos da classificação como monumento de interesse público (MIP) do Edifício-sede do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), classificado pela Portaria nº 266/2016, publicada em *Diário da República*, 2ª série, nº 181, de 20 de setembro de 2016, consideramos oportuno, não apenas homenagear o que foi, e é, um equipamento cultural de referência a quer a nível da cidade de Coimbra, quer a nível nacional, mas também relevar a invulgar tipologia da classificação então efetuada.

Efetivamente, mais do que ter estado relacionada com o interesse artístico e arquitetónico do edifício em si, a sua classificação ocorreu atendendo a que este espaço constitui, desde finais da década de 50 do século XX, o símbolo “material” do CAPC. Desde a criação do CAPC, e, sobretudo desde os anos 70, até à atualidade, este imóvel tem vindo a destacar-se como espaço físico privilegiado para a produção e difusão das vanguardas artísticas coimbrãs.

Autêntico polo criativo e de reflexão, foi aqui que iniciaram a sua atividade algumas das maiores personalidades da cultura nacional, que se desenrolaram significativas atividades culturais que produziram uma nova geração de artistas da arte contemporânea portuguesa, sendo também aqui que se encontra guardada a coleção CAPC de arte contemporânea, bem como outros acervos bibliográficos e documentais.

Palavras-chave: Classificação de bens culturais; Círculo de Artes Plásticas de Coimbra.

ABSTRACT

Celebrating the tenth anniversary of the classification of the headquarters building of the Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC) as a Monument of Public Interest (MIP), Portaria nº 266/2016, *Diário da República*, 2ª série, nº 181, de 20.09.2016, we consider it timely not only to pay tribute to what has been, and continues to be, a cultural facility of reference both in the city of Coimbra and at the national level, but also to highlight the unusual nature of the classification granted at that time.

Indeed, rather than being primarily related to the artistic and architectural significance of the building itself, its classification was granted in recognition of the fact that, since the late 1950s, this space has constituted the CAPC’s “material” symbol. Since the creation of the CAPC, and especially from the 1970s to the present day, this building has stood out as a privileged physical space for the production and dissemination of Coimbra’s artistic avant-gardes.

A true centre of creativity and reflection, it was here that some of the most prominent figures in Portuguese culture began their activity, that significant cultural initiatives took place and gave rise to a new generation of artists in Portuguese contemporary art, and it is also here that the CAPC contemporary art collection is preserved, together with other bibliographic and documentary holdings.

Keywords: Classification of cultural assets; Círculo de Artes Plásticas de Coimbra.

¹ Este artigo teve por base o desenvolvimento pela técnica signatária do processo de classificação do CAPC, devidamente revisto e atualizado, face aos dez anos entretanto decorridos.

² Mestre em História da Arte, técnica superior da Divisão de Salvaguarda, Gestão e Conhecimento do Património Cultural, da Unidade de Cultura, da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro.

A mais antiga instituição dedicada à promoção da arte contemporânea em Portugal

Feito este esclarecimento prévio, facilmente se percebe que mais do que as qualidades artísticas e arquitetónicas do espaço “físico”, foram questões de carácter imaterial que levaram à classificação deste bem imóvel.

O que pretendemos evidenciar, numa altura em que, finalmente, o património cultural imaterial ganha uma nova dimensão, libertando-se das correntes que o cingem ao folclore ou ao saber-fazer, isto sem pôr em causa que se tratam de manifestações da maior importância, é o relevo da “imaterialidade” presente num bem com características “materiais”, que ultrapassa assim as paredes para atingir a sua “alma”.

Em suma, o facto deste imóvel abrigar desde 1960, a mais antiga instituição dedicada à promoção da arte contemporânea em Portugal, surgida em 1958, foi sem sombra de dúvida o que mais pesou na atribuição da categoria de classificação de valor nacional, como monumento de interesse público (MIP). Trata-se, no nosso entendimento, de um exemplo notável da intersecção da classificação do património cultural imóvel versus património cultural imaterial que lhe está subjacente.

Corria o ano de 2013, quando, por carta de 27 de maio do Arq.^o Carlos Antunes, da direção do CAPC, dirigida à então Diretora Regional de Cultura do Centro, foi solicitada a eventual classificação do referido imóvel, indissociável, naturalmente, de toda a atividade de que este foi palco ao longo da sua existência.

Em anexo foram enviados um exemplar do processo de candidatura, cujo título de imediato deixava entrever as intenções do pretendido, “Candidatura do edifício sede a processo de classificação pela relevância da sua história”, CAPC, e um outro da obra “50 anos do CAPC, uma faceta das artes plásticas em Coimbra”, da historiadora Hilda Moreira de Frias.

De acordo com o procedimento habitual, no sentido da instrução processual para efeitos de pedido de abertura de procedimento de eventual classificação do imóvel, foi efetuada uma deslocação ao local em 9 de agosto deste mesmo ano, altura em que foi verificado in loco o “espaço físico” e todos os elementos que aí se encontravam, sendo executados registos fotográficos do exterior e do interior deste imóvel.

Contexto urbano

O edifício sede do CAPC localiza-se na Rua Castro Matoso, n.º 18, e insere-se numa correnteza de casas edificadas nos anos 30 do século XX, com o intuito de serem arrendadas³. Situadas junto à cota baixa das Escadas Monumentais, na zona da lateral esquerda das traseiras das então Cantinas da Universidade de Coimbra, anexas ao Teatro Académico de Gil Vicente,

estes imóveis pertenciam já então à família Quadros.

Esta área, entre a Praça da República e a Praça João Paulo II, correspondia a uma zona mais recente da cidade, se tivermos em conta que, até ao século XIX, a cidade de Coimbra mantinha ainda a dicotomia designada por *Alta* e *Baixa* de Coimbra, sendo apenas nos inícios do século XX que esta situação se alterou definitivamente, e que a dualidade oitocentista finalmente se esbateu⁴. O primitivo núcleo de povoamento no cimo da colina da Alta, de posição estratégica e dominante, face a uma zona claramente mais empobrecida, a Baixa, ajuda-nos a perceber o tardio desenvolvimento urbano para fora destes pontos principais. A cidade encontrava-se bipolarizada entre a Praça de São Bartolomeu, na Baixa, e o Largo da Feira, na Alta, que, sendo ambos centros de comércio, correspondiam respetivamente, à “sede” do poder municipal e do poder religioso do Cabido⁵.

Mesmo após o desenvolvimento económico sentido em meados do século XIX, Coimbra manteve-se eminentemente uma cidade de serviços, já com a presença dos novos serviços do Estado “moderno”, é certo, como as Repartições Administrativas e da Fazenda, o Tribunal, a Penitenciária, escolas, hospitais, e, claro, sempre a proeminência da Universidade. Efetivamente, o peso académico vai fomentar o desenvolvimento de atividades económicas como o comércio e o alojamento, mas vai retardar o desenvolvimento industrial da cidade⁶.

Em 1856, quando D. Pedro V visitou a cidade, é aberta a Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes, que trespassa a unidade do conjunto do mosteiro dos frades cruzios. Segue-se, em 1864, a inauguração do caminho de ferro, mas será apenas a partir de 1867, a data da inauguração do Mercado D. Pedro V, que é iniciada a urbanização da Quinta de Santa Cruz, transformando-se toda a área do fundo do vale. Entretanto, em 1885, começam também a funcionar na cidade os primeiros transportes coletivos, os carros americanos, depois substituídos, em 1911, pelos transportes de tração elétrica. Face ao aumento de população e às novas condições de vida, quer de mobilidade, quer económicas, a cidade rompe os seus limites. Na Quinta de Santa Cruz, é então iniciada a abertura do que virá a ser a futura Avenida Sá da Bandeira, assim denomi-

³Conforme consta no *Candidatura do edifício Sede a processo de classificação pela relevância da sua história*, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra, s/d, página 17.

⁴Sobre a evolução do espaço urbano em Coimbra e Santa Clara, ver: ANACLETO, Regina, “Coimbra Entre os Séculos XIX e XX – Ruptura urbana e inovação arquitetónica”, in *Actas de Caminhos e Identidades da Modernidade: 1910, O Edifício Chiado em Coimbra*, Museu Municipal de Coimbra, Ed. Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, 2010, páginas 151 – 176; BORGES, Nelson Correia, Coimbra e Região, Novos Guias de Portugal, 6, Editorial Presença, Lda., Lisboa, 1987, páginas 35 a 42 e 70 a 76; DIAS, Pedro, *Coimbra, Arte e História*, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2.ª. Ed., Coimbra, 1988, páginas 7 a 15; CALMEIRO, Margarida Relvão, *Urbanismo Antes dos Planos: Coimbra 1834-1934*, Ed. Câmara Municipal de Coimbra, 2021, páginas 81 a 88, e páginas 165.

⁵CALMEIRO, Margarida Relvão, *Urbanismo Antes dos Planos: Coimbra 1834-1934*, ..., páginas 81.

⁶MENDES, José Amado, *A Área económica de Coimbra. Estrutura e Desenvolvimento Industrial, 1867-1927*, CCRC, Coimbra, 1984.

nada em 1889⁷, que termina na Praça da República, antiga Praça D. Luís, onde, em 1901, os académicos já jogavam futebol⁸ e do loteamento do Vale da Ribela. A partir de 1889, começam a ser abertas as ruas adjacentes, em 1890, é apresentada em sessão de câmara a planta de um novo arruamento, a Rua Lourenço de Almeida Azevedo, que começou a ser aberta em 1891 e pavimentada em 1904, como a Rua Alexandre Herculano e a Rua de Almeida Garrett, em 1893, a Rua Lourenço de Almeida Azevedo, entre 1894 e 1903, a Rua Tenente Valadim⁹, a Rua da Escola Industrial (depois, Rua Oliveira Matos), e ainda a Rua Castro Matoso e a Rua de Tomar.

A construção urbana desta área inseriu-se exatamente no contexto da urbanização da Quinta de Santa Cruz, que vinda da Praça da República, se começa a dirigir, quer à zona do Largo da Cruz de Celas, quer à atual Praça João Paulo II, já no sopé da Universidade, por sua vez a entrar em plena transformação¹⁰. Nestas novas artérias citadinas, nos finais do século XIX e nos primeiros anos do XX, irão ser construídas moradias elegantes para uma nova classe emergente, pequeno-burguesa e capitalista, a par com modernas construções. Surgem construções de carácter moderno, ao gosto do novo estilo Arte-Nova e Art Déco, mas também revivalistas¹¹, enquanto outras são projetadas pelo arquiteto Raúl Lino, dentro dos conceitos da “Casa Portuguesa”¹², ou construídas pela utilização do que foi definido por Arquitetura Escola Livre¹³.

Atualmente, trata-se de uma área urbana consolidada em grande parte abrangida pela zona especial de proteção/zona tampão da “Universidade – Alta e Sofia”, conjunto monumento nacional (MN) classificado como Património Mundial da UNESCO. Realçam-se nesta zona diversos imóveis classificados, que o foram atendendo às habituais características relacionadas com o seu valor patrimonial a nível histórico-cultural, artístico, arquitetónico, como o Aqueduto de São Sebastião (Arcos do Jardim), o Jardim Botânico com a respetiva cerca, e a antiga Cadeia Penitenciária de Coimbra, o conjunto da Associação Académica de Coimbra, do Teatro Académico de Gil Vicente e das antigas Cantinas da Universidade de Coimbra.

Laboratório propício à reflexão e ao ativismo artístico

Ora, o edifício em que se insere a sede da instituição, originalmente concebido como uma de uma série de casas semelhantes e com a mesma cêrcea para arrendar, surge neste contexto. Neste caso, trata-se de um imóvel destinado a residência de uma família burguesa, que veio a tornar-se “um espaço fundador para a experiência e para os múltiplos modos de ser que caracterizaram os cinquenta anos¹⁴ de vida do CAPC”, no “lugar físico onde se domiciliou a antiguidade heróica do CAPC”, “num laboratório de práticas expressivas, num espaço de enorme abertura conceptual, propício à reflexão e ao ativismo artístico”¹⁵.

Pertença então da família Quadros foi exatamente o Dr. Quadros, que, dono dos terrenos da Quinta da Rainha, os doou para a abertura da Rua Augusta, assim designada visto que a sua Mãe assim se chamava, e, posteriormente, para a construção do Instituto Maternal de Bissaya Barreto¹⁶, junto ao atual Parque de Santa Cruz.

Este imóvel, constituído por quatro pisos, incluindo uma cave e um sótão, cujo estado de conservação denota algumas preocupações¹⁷, apresenta uma fachada estreita de linhas extremamente simples. Na fachada principal, possui duas frestas correspondentes à cave, e, no primeiro piso, o rés-do-chão, surge uma porta com bandeira, sobreposta de janela de sacada, ladeadas por uma janela ao lado direito e duas geminadas, ao esquerdo, esquema que se repete no primeiro andar, sendo que as da esquerda, apresentam uma varanda. A fenestração apresenta-se em todas estas de dois batentes e bandeira. No telhado, correspondente ao sótão, abrem-se duas trapeiras altas do mesmo tipo. Como elementos de relevo, destacam-se os gradeamentos em ferro forjado, o friso de azulejos decorativos no entablamento que coroa o edifício, e o embasamento.

O edifício encontra-se arrendado pelo CAPC desde 1960, por intervenção do Prof. Doutor Ferrer Correia, professor da Faculdade de Direito da Universidade

⁷BORGES, Nelson Correia, *Coimbra e Região*, Novos Guias de Portugal, 6, Editorial Presença, Lda., Lisboa, 1987, página 116.

⁸DIAS, Pedro, *Coimbra. Arte e História*, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2ª. ed., Coimbra, 1998, páginas 14 e 15.

⁹Idem, ibidem, páginas 14 e 15.

¹⁰Corria a destruição quase completa da zona da Alta partir de 1943, para serem edificadas os novos edifícios universitários, que conferiram a esta área a imagem atual.

¹¹ANACLETO, Regina, “Coimbra Entre os Séculos XIX e XX – Ruptura urbana e inovação arquitectónica”, in *Actas de Caminhos e Identidades da Modernidade: 1910, O Edifício Chiado em Coimbra*, Museu Municipal de Coimbra, Ed. Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, 2010, páginas 151 – 176; ANACLETO, Regina, “Arquitetura Revivalista em Coimbra”, em *Revista Mundo da Arte*, nº. 8, Coimbra, 1982.

¹²CRAVEIRO, Lurdes, “Raúl Lino em Coimbra”, em *Revista Mundo da Arte*, nº. 15, Coimbra, 1983; ANACLETO, Regina, “Coimbra Entre os Séculos XIX e XX – Ruptura urbana e inovação arquitectónica”, in *Actas de Caminhos e Identidades da Modernidade: 1910, O Edifício Chiado em Coimbra*, Museu Municipal de Coimbra, Ed. Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, 2010, páginas 151 – 176.

¹³Relacionada com a importância da Escola Livre das Artes do Desenho na cidade, que alterou radicalmente o panorama artístico da cidade de Coimbra, como berço de artistas de artefactos (Cfr. ANACLETO, Regina, “Coimbra Entre os Séculos XIX e XX – Ruptura urbana e inovação arquitectónica”, in *Actas de Caminhos e Identidades da Modernidade: 1910, O Edifício Chiado em Coimbra*, Museu Municipal de Coimbra, Ed. Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, 2010, páginas 151 – 176).

¹⁴Atualmente, mais de 60.

¹⁵*Candidatura do edifício Sede a processo de classificação pela relevância da sua história*, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra, s/d, página 17.

¹⁶Informações prestadas diretamente pela Prof. Doutora Regina Anacleto.

As caixilharias em madeira foram mantidas, ao contrário do que já sucedeu nas casas que ladeiam o CAPC, mas encontram-se em mau estado, necessitando urgentemente de uma intervenção. Outros elementos, como o telhado e a pintura, a nível do exterior, bem como o pavimento e pintura do interior, deveriam ser revistos.

¹⁷António de Arruda Ferrer Correia (1912, Miranda do Corvo – 1999, Coimbra), foi Professor Catedrático, e Reitor, entre 1979-1982, bem como Reitor Honorário da Universidade de Coimbra (Cfr. FRIAS, Hilda Moreira de, 50 anos do CAPC – Uma faceta das artes plásticas em Coimbra, Mar da Palavra – Edições, Lda, Coimbra, 2010, página 38).

de Coimbra e então responsável pela área cultural na Fundação Gulbenkian¹⁸, que considerou tratar-se do local certo para a instalação da instituição, “quer pela sua localização, quer pelas dimensões das suas salas”¹⁹. Não obstante ter efetivamente uma ótima localização, dada a proximidade à Universidade por um lado, e à Praça da República, por outro, era então, como ainda hoje, ponto de encontro dos estudantes da cidade, careceu de obras de adaptação²⁰ para um bom funcionamento dos ateliers, aulas, laboratórios de fotografia e salas de exposições, pois tudo aqui funcionava.

Um bem imóvel de interesse histórico-cultural

Todavia, como já referimos, em termos artísticos e arquitetónicos, o imóvel não apresentava na altura da classificação, tal como não apresenta hoje, um relevo e uma representatividade que, por si só, possam suscitar uma eventual classificação, como valor nacional. No entanto, neste caso específico, e pelos motivos já mencionados, não deveremos ter em conta tanto a importância artística e arquitetónica do edifício, mas essencialmente, visto que lhe está intimamente ligado, o interesse histórico-cultural que esteve subjacente ao próprio edificado, ao longo de mais de 60 anos de existência.

Estes fatores, de natureza imaterial, estão relacionados com o relevo dos acervos museológicos, científicos, bibliográficos e documentais aqui presentes, com as atividades culturais desenvolvidas ao longo dos tempos, com a contribuição para a promoção e difusão das artes visuais, “cativando públicos para a arte contemporânea”, proporcionando “um conhecimento alargado dos panoramas artísticos contemporâneos, suas componentes e narrativas, fomentando o gosto pela fruição artística”, promovendo “exposições de arte contemporânea e atividades de animação cultural pluridisciplinares”²¹, e finalmente ainda, com o facto de aqui terem iniciado a sua atividade de reflexão sobre as artes, algumas das personalidades com maior destaque cultural a nível nacional.

Ou seja, este edifício corresponde então apenas à “sede física” de uma instituição cujas raízes remontam a 1958, quando um grupo de estudantes da academia de Coimbra, entre os quais se salientam Rui Emílio Vilar e Mário Silva, fundaram a que será “a mais antiga instituição nacional dedicada à promoção

da arte contemporânea”²².

Na verdade, após o término da Escola Livre das Artes do Desenho, instituição cujo funcionamento teve início em 1878 e que alterou radicalmente o panorama artístico da cidade de Coimbra, como berço de artistas e de artífices durante cerca de 58 anos, na sequência de um longo período em que ocorreram diversas exposições, mostras, certames, etc, apenas interrompido pela II Guerra Mundial, na década de 50 do século XX, “com a fundação do Museu Académico, ressurgiu o antigo entusiasmo pelo desenho e pela pintura, com a realização de algumas exposições no Palácio dos Grilos”²³. Segue-se então, após a Exposição de Artes Plásticas da Queima das Fitas que teve lugar no Salão do Turismo, em Maio de 1958²⁴, a criação do Círculo de Artes Plásticas.

Pólo de produção e difusão artística contemporânea, importante centro de arte independente do país

Coimbra apresentava grandes lacunas no que respeitava à divulgação e ao ensino das Artes Plásticas, face ao enorme peso da Universidade, com uma formação particularmente tradicional, sendo que a atividade artística era, de certo modo, relegada para segundo plano. O CAPC vem então suprir estas necessidades, “O CAPC constitui assim um pólo de produção e difusão artística contemporânea, considerado como um importante centro de arte independente do país”, através da “realização de exposições de arte contemporânea que dão particular atenção à produção artística emergente, na produção e edição de documentação artística, na difusão e discussão de matérias contemporâneas, visando criar um público informado e participativo”²⁵. Este organismo, é, todavia, “autónomo da Academia de Coimbra, com autonomia artística e administrativa, sendo uma associação cultural sem fins lucrativos, reconhecida de manifesto interesse cultural pelo Estado português, que pretende sensibilizar e interessar o público para a Arte Contemporânea e a Cultura”.

Todavia, o núcleo inicial, que constituiu a primeira Direção, englobava Mário Silva, Alfredo Rasteiro, Jorge Mira Coelho, Emílio Rui Vilar, Augusto Mota, Joaquim Thomé e António Pimentel, muitos estudantes e membros da Associação Académica de Coimbra, com ligações a outras seções culturais, como o Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC)²⁶.

¹⁸António de Arruda Ferrer Correia (1912, Miranda do Corvo – 1999, Coimbra), foi Professor Catedrático, e Reitor, entre 1979-1982, bem como Reitor Honorário da Universidade de Coimbra (Cfr. FRIAS, Hilda Moreira de, *50 anos do CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra*, Mar da Palavra – Edições, Lda, Coimbra, 2010, página 38).¹⁹FRIAS, Hilda Moreira de, *50 anos do CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra*, Mar da Palavra – Edições, Lda, Coimbra, 2010, página 44.

²⁰Idem, *ibidem*.

²¹*Candidatura do edifício Sede a processo de classificação pela relevância da sua história*, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra, s/d, página 7.

²²Idem, *ibidem*.

²³FRIAS, Hilda Moreira de, *50 anos do CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra*, Mar da Palavra – Edições, Lda, Coimbra, 2010, página 21.

²⁴Idem, *ibidem*, página 25.

²⁵*Candidatura do edifício Sede a processo de classificação pela relevância da sua história*, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra, s/d, páginas 7 e 8.

²⁶FRIAS, Hilda Moreira de, *50 anos do CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra*, Mar da Palavra – Edições, Lda, Coimbra, 2010, páginas 33-35.

Tendo-se instalado num andar na Rua de Montarroio, onde a Prof. Maria Isabel Reis, que se formara na então Escola Superior de Belas-Artes do Porto, começou a dar aulas, seguiu-se a ocupação de duas salas do Museu Nacional de Machado de Castro, colocadas à disposição pelo Professor Luís Reis Santos²⁷, e onde veio a abrir um atelier livre e foram lecionadas aulas pelo pintor e gravador brasileiro Waldemar Costa²⁸. Este núcleo aspirava vir a criar uma Escola de Belas-Artes na cidade²⁹ e contou, desde o seu início, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, face às dificuldades financeiras com que sempre se debateu³⁰.

A Fundação Calouste Gulbenkian concedeu inúmeros subsídios, desde o pagamento da renda do edifício-sede, aos honorários dos professores, à compra de material para os ateliers, bem como à organização de exposições, fosse de artistas convidados, nacionais ou estrangeiros, fosse dos trabalhos dos sócios que frequentavam as aulas de desenho e pintura³¹.

Após um período de indecisão acerca do local onde deveria funcionar o CAPC, tendo sido colocadas diversas hipóteses (desde o edifício onde se encontrava então sediada a Escola Industrial e Comercial de Avelar Brotero, na Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes, ao Palácio de Sub-Ripas, ao Salão Nobre, e a um prédio localizado no Largo da Sé Velha), foi finalmente então proposta a alternativa da mudança para o n.º 18 da Rua Castro Matoso³².

E foi neste local, originalmente concebido então para residência familiar, que, nomes significativos da Arte Portuguesa Contemporânea, como Túlia Saldanha, Armando Azevedo, Ernesto de Sousa, João Dixo, Alberto Carneiro, Ângelo de Sousa, Julião Sarmento, João Vieira, Michael Biberstein, Pedro Cabrita Reis, Pedro Portugal, Pedro Proença, Xana, Rui Chafes, Paulo Mendes, João Tabarra, Rui Serra, António Olaio, Sebastião Resende, Miguel Palma, Wolf Vostell, Robert Filliou, utilizaram como “laboratório” das suas práticas artísticas, tendo alguns destes até, lecionado no CAPC. Outros também, como exatamente Emílio Rui Vilar, Isabel Carlos e Delfim Sardo, bem como muitos outros, aqui iniciaram a sua “reflexão sobre as artes”³⁴.

Liberdade de expressão e vivência cívica em Coimbra

Na verdade, tendo em consideração o período de ditadura e opressão política que pesava então sobre a expressão artística, vivido também pelo CAPC durante longos anos, ressalta mais ainda, para além da formação artística que proporcionava, o facto de ser um espaço de liberdade de expressão e de vivência cívica com grande peso a nível da cidade.

A própria designação da instituição, primeiro como CAP, e, posteriormente, como CAPC, após se ter definitivamente autonomizado da Associação Académica de Coimbra, passando a ser um Organismo Autónomo da Academia de Coimbra, em 1981³⁵, é demonstrativa da forma como se inseriu no contexto coimbrão, sendo que, segundo alguns, a sua história ultrapassa mesmo a questão da importância para as artes plásticas portuguesas, visto ser “a identificação de um tempo e de um modo de ousar a experimentação, de ser vanguarda”³⁶.

Entre as muitas atividades que desenvolveu, destacam-se, a nível pedagógico: a criação de ateliers de pintura, escultura e de cerâmica, dos cursos de Educação Visual e sessões de História da Arte, de uma biblioteca de Arte, a organização de diversas lições, campanhas, junto das juventudes escolares e operárias, para levar os jovens a visitarem as exposições, bem como de ciclos de conferências e colóquios, logo desde 1958, com realce para alguns, como o ciclo de conferências e visitas guiadas que decorreu em 1965, intitulado “A Arte de Hoje e a Arte de Ontem”, organizado em conjunto com a Fundação Calouste Gulbenkian, em 1968, o ciclo de conferências “A Evolução da Arte e Seus Reflexos e Condicionantes no Mundo Actual”, e A “Estética e História da Arte”, para comemorar dez anos de atividades³⁷.

Na década de 70 do século XX, as alterações políticas vão repercutir-se no campo das artes plásticas, surgindo a ideia, em 1976, da transformação do Círculo numa nova Escola de Artes. Tal não se concretizará, mantendo-se assim a mesma linha de orientação, numa época em que Alberto Carneiro e Túlia Saldanha terão um papel fundamental, a par com ações didáticas viradas também para um público infantil³⁸, e a opção pela organização de mais ciclos de cinema, sempre a par dos cursos práticos, ateliers de pintura e cursos teóricos de História da Arte e crítica, e de colóquios, como, em 1978, “O Panorama Artístico Português”³⁹. Entrando nos anos 80 do século XX, em que

²⁷Então Diretor do Museu, foi Professor de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, (Cfr: FRIAS, Hilda Moreira de, 50 anos do CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra, Mar da Palavra - Edições, Lda, Coimbra, 2010, página 41).

²⁸Idem, ibidem, página 25.

²⁹Idem, ibidem, página 35.

³⁰Idem, ibidem, página 40.

³¹Idem, ibidem, página 41.

³²Idem, ibidem, páginas 43 a 45.

³³Idem, ibidem, páginas 58 a 61.

³⁴Candidatura do edifício Sede a processo de classificação pela relevância da sua história, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra, s/d, páginas 17 e 18.

³⁵FRIAS, Hilda Moreira de, 50 anos do CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra, Mar da Palavra - Edições, Lda, Coimbra, 2010, páginas 97 a 99.

³⁶Texto do Prof. Doutor António Pedro Pita em Candidatura do edifício Sede a processo de classificação pela relevância da sua história, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra, s/d, página 37.

³⁷FRIAS, Hilda Moreira de, 50 anos do CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra, Mar da Palavra - Edições, Lda, Coimbra, 2010, páginas 45 a 60.

³⁸Idem, ibidem, página 75 a 79.

³⁹Idem, ibidem, páginas 92 a 95

é dada continuidade aos programas pré-existente, foram ainda abertos novos espaços, como o Arquivo de Documentação Artística e o Arquivo de Arte Moderna, bem como três galerias, e organizado um Curso Intensivo de Iniciação à Fotografia, e dois de Cinema de Animação, assim como diversos debates e encontros, no ano seguinte, é criada a Oficina de Interação Criativa⁴⁰.

Todavia, a grande iniciativa cultural desta década foi a “Exposição Internacional do Livro de Arte” (EILA)⁴¹. No início da década de 90, a par da continuidade da linha programática seguida até então, as atenções centraram-se na qualificação do CAPC, para o que irá apostar nas atividades de divulgação e expansão e trabalho conjunto com outras entidades culturais, bem como investindo na Biblioteca e no Arquivo Documental, com a criação de uma Mediateca e uma Videoteca, em 1997, surge o Centro de Arte Contemporânea do CAPC, novo espaço cuja sede funcionará no piso térreo da Casa da Cultura, junto ao Parque de Santa Cruz, com uma inovadora programação⁴². Ao iniciar-se o século XX, o CAPC, considerado um importante centro de arte independente do País, mantém as intenções de promover e difundir as artes visuais, visando interessar o público para a arte contemporânea, oferecendo um conjunto diversificado de atividades⁴³.

Já a nível expositivo, realça-se, logo em 1958, a “Exposição da Gravura Portuguesa”, e no ano seguinte, entre muitas outras, a “Exposição da Missão Internacional de Arte”, a “Exposição Retrospectiva de Waldemar da Costa”, a “II Exposição de Arte Moderna de Viana do Castelo”, a “Exposição de pintura de António Quadros”, em 1960, as exposições de TOM e de Augusto Mota, em 1961, a “Exposição de Pintura de Arte Abstracta de Artistas Catalães” e a “Exposição de Gravuras de Rossini Perez”, em 1962, uma exposição de pintura moderna de artistas portugueses, com obras de Amadeo de Souza Cardoso, Almada Negreiros, Carlos Botelho, Dórdio Gomes, Maria Helena Vieira da Silva e Júlio Resende, entre outros, em 1967, altura em que é inaugurado um novo espaço expositivo na sede do CAPC, a Sala Negra⁴⁴, a “Exposição Retrospectiva da obra de Pablo Picasso”, com colaboração de Luís Reis Santos, que proferiu uma conferência sobre o tema, no Teatro da Faculdade de Letras⁴⁵. Nos anos 70, pelos mesmos motivos e à semelhança do que ocorre a nível pedagógico, o carácter das exposições altera-se, passando a intervenções⁴⁶, conforme está patente na instalação “A Floresta”, que pretendia

mesmo “despertar os espíritos menos esclarecidos para a linguagem actual da Arte dita Moderna”, ou na “A Nossa Coimbra Deles”, em 1973, que pretendia retratar satiricamente a vida universitária de Coimbra, ou, em 1974, “Aniversário da Arte” e “Arte na Rua”, a partir de uma ideia de Robert Filliou, em 1976, a “Semana da Arte (da) na Rua”, com a instalação do Labirinto na Praça da República, em 1978, dois ciclos de exposições “Poesia Visual Portuguesa” e “Novas Tendências da Arte Portuguesa”, e, em 1979, surgem ainda convites como o da realização de uma Semana Cultural na Madeira⁴⁷. Já nos anos 80, em 1981, é repetida a exposição “Novas Tendências da Arte Portuguesa”, mas utilizando conjuntamente o audio-visual, a “Exposição Documental sobre Vanguarda Russa”, em 1985, as apresentações da Poesia Visual através da exposição “Poemografias”, em 1989, e em 1989, “O Elogio do Design Gráfico”, dentro da VI Bienal de Vila Nova de Cerveira, bem como numerosas outras atividades inseridas nas comemorações do 30.º aniversário⁴⁸. Ao entrar na década de 90, foi organizada a “A Arte das Ideias e as Ideias da Arte”, que incluiu um série de exposições, comunicações, vídeos e performances, seguindo-se em 1991, “Coimbra Rosas Capital do Mundo”, um projeto de intervenção de Arte Pública, em 1992, “A Arte dos Recursos Naturais – os elementos vistos de uma nova maneira”, em 1993, organizou-se um Ciclo de Arte Portuguesa, integrando o projeto artístico “A Arte das Ideias, As Ideias da Arte”, com várias exposições, como “Um Jardim para os nossos Sonhos”, para uma “Instalação no Jardim Botânico”, uma outra “Instalação Rosa” no Convento de Santa Clara-a-Nova, e uma intervenção nas “Estátuas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra”, em 1994, um ciclo expositivo “Um olhar por Portugal/Arte Portuguesa Actual”, continuado em 1995⁴⁹. No início do século XXI, destaca-se a exposição “Coimbra-C”, a par com a importância da coleção CAPC de arte contemporânea⁵⁰.

Atualmente, o CAPC funciona em núcleos distintos, mantendo-se nesta casa da Rua Castro Matoso, o Círculo Sede, e o Círculo Sereia (CAC do CAPC), localizado no Parque de Santa Cruz ou Jardim da Sereia. De forma genérica, oferece “um conjunto diversificado de actividades, que vão desde a realização de exposições de arte contemporânea, até à realização de programas de colóquios, conferências, debates, programas de cinema e vídeo. Promove acções específicas, integradas em programas pedagógicos próprios, nos quais se incluem programas de visitas guiadas e comunicações.”⁵¹

⁴⁰Idem, ibidem, páginas 104 a 108.

⁴¹Idem, ibidem, páginas 117 e 118.

⁴²Idem, ibidem, páginas 121 a 132.

⁴³Idem, ibidem, páginas 135 a 137.

⁴⁴Idem, ibidem, página 63.

⁴⁵Idem, ibidem, página 46 a 63.

⁴⁶Surgindo mesmo o Grupo de Intervenção do GAPC (Crf. FRIAS, Hilda Moreira de, *50 anos do CAPC - Uma faceta das artes plásticas em Coimbra*, Mar da Palavra - Edições, Lda, Coimbra, 2010, página 83).

⁴⁷Idem, ibidem, páginas 82 a 96.

⁴⁸Idem, ibidem, página 106 a 116.

⁴⁹Idem, ibidem, página 122 a 129.

⁵⁰Idem, ibidem, páginas 135 a 137.

⁵¹Candidatura do edifício Sede a processo de classificação pela relevância da sua história, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra, s/d, página 9.

Possui um acervo significativo, com destaque para “a coleção CAPC de arte contemporânea, que vem sendo construída com particular insistência a partir de 1992”, que procura enquadrar no contexto da Arte Contemporânea Portuguesa, tendo como objetivo criar uma exposição em permanência no CAPC Sede, e consolidar a instituição “como um efectivo centro de arte contemporânea”⁵².

No sótão do edifício sede, concentra-se uma biblioteca constituída por documentação artística, livros e revistas de arte, mas também documentos internos e externos coligidos ao longo de 5 décadas, espólio documental e bibliográfico valioso, que pretende vir a valorizar pela sua publicação, através de protocolos, quer com a Direção-Geral das Artes, quer com a Fundação Calouste Gulbenkian, a Fundação de Serralves, a Culturgest e outras instituições⁵³.

Internacionalização... outras geografias

Na última década⁵⁴, “o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra consolidou a sua importância no ecossistema das artes em Portugal, não apenas através da programação apresentada nos seus espaços, mas também das parcerias que lhe permitiram desenvolver projetos noutras geografias. O Anozero — Bienal de Coimbra, estabelecido pelo Círculo, pelo Município de Coimbra e pela Universidade de Coimbra em 2015, no filão aberto pela classificação da “Universidade, Alta e Sofia” como Património Mundial da UNESCO, oferece à cidade, à região, ao país e ao mundo um projeto sólido, dedicado à arte contemporânea e à arquitetura, que tem vindo a ampliar a projeção internacional de Coimbra e das instituições que o promovem.

Este crescimento reflete-se igualmente na diversidade e qualidade das exposições e dos programas públicos desenvolvidos ao longo dos últimos anos. O trabalho editorial do Círculo constitui outro exemplo desta evolução, expandindo-se para além da produção de catálogos e afirmando-se como um espaço de investigação, documentação e reflexão crítica. Apesar das dificuldades que persistem no setor cultural em Portugal, a equipa da instituição cresceu em número e em experiência, reunindo hoje competências que lhe permitem responder aos desafios de uma programação cada vez mais ambiciosa e internacional.

A evidência da qualidade dessa programação está na génese do processo que conduziu Coimbra a ser a cidade hospedeira da Manifesta em 2028, numa edição conjunta com o Anozero”.

CONCLUSÃO

Em conclusão, podemos afirmar que o CAPC, é hoje ainda, como se revelou desde 1958/1960, “um destacado produtor de uma nova geração de artistas cujas acções constituem referências incontornáveis na arte contemporânea portuguesa.”⁵⁵

Efetivamente, por ter sido testemunho de momentos tão relevantes para a historiografia da Arte Contemporânea em Portugal e para a cultura das artes visuais, pelo papel fundamental que desempenhou ao longo de mais de 60 anos na produção, desenvolvimento, dinamização, divulgação e difusão de correntes estéticas, quer através da produção artística de numerosos artistas, quer pelas suas funções a nível pedagógico-artístico, quer ainda de uma programação diversificada, contribuindo assim para a formação e sensibilização de novos públicos para a arte contemporânea, constitui um equipamento cultural de referência, quer a nível da região centro, quer a nível nacional, sendo que esta sede do CAPC, de certa forma, materializa um património de grande significado histórico-cultural, que é imaterial.

Em suma, neste caso específico, a fundamentação para a classificação deste imóvel como monumento de interesse público (MIP), não se cingiu aos critérios habituais que fundamentam um processo de classificação de um bem imóvel, pois esta classificação decorreu, não pelo espaço arquitetónico em si, visto que este imóvel, como edifício propriamente dito, não apresenta um valor patrimonial que o justifique, mas essencialmente pelo seu significado em termos de património imaterial. É-lhe inerente o interesse histórico-cultural que esteve subjacente ao próprio edificado, ao longo de mais de 60 anos de existência, relacionado com fatores, de natureza imaterial, ao nível das artes e da cultura nacional.

Este edifício constitui, em suma, um equipamento cultural de referência, materializando um património que é imaterial, de grande significado histórico-cultural, como testemunho de momentos tão relevantes para a historiografia da Arte Contemporânea em Portugal e para a cultura das artes visuais, pelo papel fundamental que desempenhou ao longo de mais de 60 anos de existência, na produção, desenvolvimento, dinamização, divulgação e difusão de correntes estéticas, quer através da produção artística de numerosos artistas, quer pelas suas funções a nível pedagógico-artístico, quer ainda de uma programação diversificada, contribuindo assim para a formação e sensibilização de novos públicos para a arte contemporânea.

⁵²Idem, ibidem, páginas 9 e 11. Para tal, foi elaborada uma parceria com uma licenciatura de estudos artísticos da Universidade de Coimbra, por locação de um estagiário ou outras formas.

⁵³Idem, ibidem, página 15. Para além das fotografias em anexo, que, registaram o espaço físico do local, mas também algumas das obras que aqui se encontram, refira-se que, a *Candidatura do edifício Sede a processo de classificação pela relevância da sua história*, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra, s/d, em anexo no processo, possui também numerosas imagens de obras de destacados artistas, que aqui se encontram.

⁵⁴As informações recentes foram gentilmente prestadas em julho de 2026 pelo Arq.º Carlos Antunes, Diretor do CAPC e responsável pelas atividades em curso.

⁵⁵*Candidatura do edifício Sede a processo de classificação pela relevância da sua história*, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra, s/d, página 9.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANACLETO, Regina (1982) - *Arquitectura revivalista em Coimbra*. Mundo da Arte, n.º 8.

ANACLETO, Regina (s.d.) - *Coimbra entre os séculos XIX e XX: Ruptura urbana e inovação arquitectónica. In Caminhos e Identidades da Modernidade: 1910, O Edifício Chiado em Coimbra*. Câmara Municipal de Coimbra.

BORGES, Nelson C. (1987) - *Coimbra e região*. Editorial Presença.

CALMEIRO, Margarida. R. (2021) - *Urbanismo antes dos planos: Coimbra 1834-1934*. Câmara Municipal de Coimbra.

Candidatura do edifício-sede a processo de classificação pela relevância da sua história, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra. (s.d.).

CRAVEIRO, Lurdes (1983) - *Raúl Lino em Coimbra*. Mundo da Arte, n.º 15.

DIAS, Pedro (1988) - *Coimbra: Arte e história* (2.ª ed.). Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

FRIAS, Hilda M. (2010) - *50 anos do CAPC: Uma faceta das artes plásticas em Coimbra*. Mar da Palavra – Edições.

MENDES, José A. (1984) - *A área económica de Coimbra: Estrutura e desenvolvimento industrial, 1867-1927*. Comissão de Coordenação da Região Centro.